



M.^{ELLE} PAULUCCI DI CALBOLI, filha do sr. ministro d'Italia, no cavalo *Bright*.—(Cliché Berollet)

1.361 Lisboa, 20 de Janeiro de 1913

Assinatura para Portugal, colonias
portuguezas e Hespanha:

no 45800—Semestre 28400—Trimestre 14200

Ilustração
PORTUGUEZA

Dirêtor e Proprietario: J. J. DA S LWA GRAÇA
Editor: JOSE JOUBERT CHIAVES

Redação, Administração e Oficinas de Compo-
sição e Imprensa: RUA DO SÉCULO, 43

REPUBLICA ARGENTINA

AMERICA DO SUL

COLONIA DORA

NA PROVINCIA DE

SANTIAGO DEL ESTERO

ESTANCIA SAN RAFAEL

PROVINCIA DE SANTA FE

Os proprietarios vendem lotes de terras irrigaveis de 10 a 50 hectares na "**Colonia Dora**" pagaveis em 9 annidades com todas as facilidades para o rego. Aos emigrantes agricultores proporcionam-se-lhes terras na "**Estancia San Rafael**" para o cultivo de cereaes, fornecendo os proprietarios animaes, machinas e demais objectos de lavoura, dando a credito durante o anno até á colheita o necessario para a alimentação do colono e sua familia. Como aluguer da terra, machinas e animaes cobra-se 20 % do producto liquido da colheita.

Para informes e planos dirigir-se aos proprietarios.

Antonio L. Agrelo, Limitada

Calle Corrientes, 459 — BUENOS AIRES

Sport Hipico

O SEU CULTO ELEGANTE

A mulher portugueza nunca teve os arrojos das damas da Fronda nem tampouco de uma Joana d'Arc e difficil se torna encontrar montada n'um cavallo, segurando armas de combate, uma portugueza evocadora. Eram sentimentaes em demasia para os campos de chacina as lindas e cismadoras donas na-



cionaes. O convento immobilisava-as e descoloria-as na epoca em que pelos caminhos de Franca e nas ilhas da Gran Bertanha heroínas e rainhas cavalgavam como guerreiros.

O mais que se evoca entre nós n'algum velho azulejo em paineis mal prontos ou nas paginas das cronicas são donas jornadeando, pelo seculo XIV, em placidas hacaneas. Depois veem os coches, as

cadeirinhas e as liteiras. Dos solares provincianos elas vão para as romarias sentadas em burrinhos ou em mulas, sem garbo, sem vestuario proprio, conduzidas á redea por escudeiros velhos de librés douradas.

Hatodavianas geneologias regias uma excé-



ção, que o foi em muito mais cousas. Carlotta Joaquina.

A's vezes, conta a duquesa d'Abrantes, a mulher de D. João VI montava escanchada n'um cavallo d'Alter, vestida de homem á Luiz XV, o tricorne sobre os seus cabelos negros de hes-

1—Mademoiselle Pauluci di Calboli no cavallo «Bright». 2—Mademoiselle Ourivoda Sequerra, montando o «Bright», pertencente ao sr. J. G. Miranda. 3—Mesdemoiselles Maria Margarida Borges de Souza, montando o «Predileto», Alter Real; Fernanda Guerra Gonçalves, montando o «Favorito», Alter Real; Zoraida Abreu d'Oliveira, montando o «Cupido», Alter Real, pertencentes ao sr. J. Miranda de quem são discipulas.

panhola, e, deespingarda em bandleira, ia seguir as caçadas ao lobo na Ota e ao veado em Vila Viciosa. Isto era na sua mocidade. Mais tarde são os carrinhos de arruar que ela guia nas aleas dos jardins reaes.

Paralisou-se aí a amazona em Portugal. Com o decorrer dos tempos, seguindo as caçadas nos paques senhorias de Inglaterra, ouvindo os laídos da matilha e os *hallalls* das trompas, as ladys montavam a cavallo e conta-se que Napoleão III se apaixonou pela linda Eugenia de Montijo, que fez imperatriz, ao vê-la com um tricorne igual ao

se eles fossem o prolongamento dos conventos, não se arrojava.

Lisboa, apesar de ser a côrte, teve sempre o ar d'uma cidade provinciana. Mas chegou uma onda de progresso a invadir-nos e a capital vê, de quando em quando, passar nas suas avenidas as cavalgades mais formosas que é dado imaginar, as mais esbeltas amazonas que se pôdem evocar. São ás vezes um rancho; outras vezes duas ou tres, firmes, os bustos altos, as cabeças airoas sob os



da sua compatrio a, rainha de Portugal, correndo atrás das corças em Rambouillet.

De França propagou-se a moda da amazona para Portugal sem comtudo conseguir, como agora, um verdadeiro exito. A mulher portugueza, receosa, tímida, envergonhada, não quadrava bem essa toilette quasi masculina, o chapéu alto, o veu esvoaçante que usavam as amazonas do tempo das nossas avós. Havia o receio do que se pudesse dizer. A portuguezinha doce e recatada, não comprehendendo nada do exercicio fisico, educada nos lares como

seus côcos britanicos, algumas mais novinhas com os *Jockeys* de veludo, as luvras de canhão, segurando a chibatinha de cabo de prata e dando ás ruas por onde passam um ar elegante, recordando muito de aristocratico porque não ha mais nobre *sport*.

1.º plano, da esquerda para a direita: Mesdemoiselles Maria Amelia Borges de Souza, no «Favorito»; Camila Pauluci di Calboli, no «Devan de Sobral»; Zoraida A. d'Oliveira no «Cupido»; Alter Real; Fernanda Guerra Gonçalves, no «Bandolim»; Manuela Costa Felix, no «Nobre». 2.º plano: professor Miranda, no «Ideal»; mesdemoiselles Maria Zanatti, no «Bright»; Luiza Arriaga, no «Guerra»; Margarida Borges de Souza, no «Predileto»; Maria da Piedade Godinho, no «Dartmoor»; Helena Guerra Gonçalves no «Dançarino». Discípulas do sr. J. Miranda.

No Campo Grande, á sombra das arvores, nas aleas solitarias da Tapada, um cavaleiro e uma amazona, passando lentamente, teem um grande ar evocativo de paginas de romance de Feuillet, dizendo cousas melancolicas, sendo agradaveis vinhetas de novela.

As ranchadas de senhoras que passeiam por Lisboa a cavalo, geralmente ao domingo, as que frequentam as escolas onde se ensina equitaçao, são já numerosas e algumas d'elas teem mesmo entrado na disputa de provas de concursos montando soberbos cavalos e mostrando o maior garbo com o maior arrojo.

Ao exercicio fisico, que representa a



equitaçao, ha a juntar a nota de elegancia que tem uma formosa senhora montando uma bela estampa. Não são já as antigas e barbaras guerreiras que

se evocam, tampouco as nossas antigas donas jornadeando nas hancaneas placidas, sendo antes bem positivamente senhoras cheias de graça, conduzindo com as suas pequeninas mãos os animaes por vezes fegosos, tornando-se de doces mulheres do lar em destemidas e valorosas amazonas

1—Sr.ª D. Laura Silva, senhora da colonia fluminense, discipula do sr. João Posser.



2—Professor Miranda, Mesdemoiselles Amelia Borges de Souza, Camila Pauluci di Calboli, Zoraida A. d'Oliveira, Fernanda Guerra Gonçalves, Manuela Costa Felix, Beatriz Zanatti, Luiza Arriaga, Margarida Borges de Souza, Piedade Godinho, Helena Guerra Gonçalves.

AMATANÇA DA SARDINHA

A pesca, industria tão antiga como a propria humanidade, é ainda hoje uma das grandes fontes de riqueza do nosso paiz.

As estatisticas accusam nos ultimos quinze anos, em media, uma produção geral de 4:345 contos de réis, numeros redondos, dos quaes 2:045 contos pertencem á pesca da sardinha, que, juntamente com o atum, que figura com 382 contos, fórma o nucleo principal e mais valioso das pescarias portuguezas.

A sardinha não é uma especie sedentaria na nossa costa, aproximando-se d'ela com mais abundancia durante certas epochas para desovar.

Pesca-se, é certo, durante quasi todo o ano por meio de armações fixas e artes de arrastar para terra, mas, é de outubro a fevereiro que se realisa o que os pescadores do norte chamam o *janeiro ou matança da sardinha*.

N'esta epocha, ao norte da Nazaré, de toda a



costa de Portugal, saem ao mar as *lanchas poveiras* que procuram com uma atividade febril a sardinha, sempre que o estado do mar o permite e os sinais de peixe são seguros e prometedores.

Quando o velho pescador encostado na praia



3

1—Vendedeiras de sardinha em Buarcos. 2—Compondo as redes. 3—Trabalhos na praia.

ao barco varado na areia, perscrutando com o seu oculo o mar, que tão bem conhece, descobre lá muito ao longe, junto á linha do horizonte distante, os alcatrazes nos seus velozes mergulhos, ou os bandos de argáus e pardelas, que em rapidos vôos são companheiros vozazes dos cardumes da sardinha, lança o alarme, e, n'um momento, toda a esquadilha se faz ao mar, não ficando em terra um

único homem valido.

As *lanchas*, chamadas *poiveiras*, por serem eguaes ás usadas na Povoia de Varzim, são em b rcações de duas prôas com a roda da prôa curva, sem cobertura, e com um pequeno baileu.

Tem um só mastro que arma um grande latino quadrangular de lona de 7 a 8 metros, e n v r g a d o n'uma comprida verga, geralmente com seis bancadas onde se armam doze remos, uma *coxia* para o mastro, e a bancada á ré, a que chamam o *cáixão do mestre*, para este governar, sendo tripuladas por 18 a 25 homens. Medem uns 12 a 13 metros de comprimento por 4 de bôca, e 1,59 de pontal. Empregam-se ainda outras lanchas de menor tamanho, mas com a mesma fórma e armação a que chamam *bateis*.

As redes usadas n'estas embarcações são as *sardinheiras*, de dois paros, com cerca de 16 braças de comprimento por 3 e meia de altura, tam-

as *peças* que tem cerca de 30 braças de comprimento por 11 a 12 de altura.

Chegadas ao mar, e acusada a presença da sardinha, já pelos bandos d'aves aquaticas que lhe dão caça, já pelo borbulhar á superficie d'agua, arriada a vela, trata-se de cercar com a rede o banco do peixe, largando-a com a maior rapidez possível, ou deixando-a cair na agua á espera que a sardinha a encontre no seu caminho, gastando no lance, conforme o sucesso da pesca, um quarto d' hora até tres horas. Ao luar, no alvor da manhã e no ensejo da noite, a sardinha emalha com mais frequência, porque com as aguas claras, *lúscias*, difficilmente se pesca: para emalhar é preciso que as aguas estejam *turvas, grossas*, então dizem os pescadores, facilmente vem á rede porque tem belidões nos olhos!

A sardinha é vendida em *leilão* logo que chega á praia a regações e regateiras, que a pagam a pronto pagamento ou a praso, sendo o produto arrecadado pelo mestre, o qual, quando tem vagar, o que por vezes só succede no fim de duas ou tres semanas, faz contas e a partilha em *quinhões* eguaes, assim distribuidos: um e um quarto para ele, um para cada *companheiro*, meio para cada moço que foi ao mar, um para o barco que serviu, um para aquele que ficou enalhado, um quarto para a irmandade de Nossa Senhora, e, havendo redes de pessoas ausentes, meio para essa pessoa e



1—Desmalhando a sardinha. 2—Enquanto os homens andam no mar, as mulheres trabalham ao «Soalheiro».

meio para beber. O *quinhão* da Senhora é entregue pelo mestre quando a irmandade o reclama, o que n'este caso acontece a miudo, e o *de beber* é gasto, como o seu nome indica, em proveito de toda a companhia, quando o mestre o determina.

Os *poveiros* não se occupam no concerto das redes: são as suas mães, irmãs, mulheres ou filhas que d'isso tratam, tomando conta da rede logo que o pescador regressa á praia, para a lavarem com agua doce, concertarem e por fim encascarem, se estiver chegado o praso fixado para esta ultima beneficiação. E dedicam a este serviço tão notaveis cuidados que não é raro acontecer a qualquer estranho ser por elas desabridamente tratado só por

haver, quer por curiosidade, quer por simples acaso, pousado mão nas redes que tenham a secar sobre as varas cravadas na praia. Em regra, uma casa de pescadores carece do serviço de duas mulheres, uma para a venda do peixe e outra para começar o tratamento das redes logo que elas são desembarcadas.

Como se vê, as mulheres da classe piscatória concorrem eficazmente para a manutenção da família, quer acarretando a sardinha da borda do mar para os arma-



da instrução geral elementar, o possível aproveitamento de muitos produtos do mar, os melhoramentos introduzidos nos aparelhos de pesca, novos metodos de conservação e transporte do pescado, e aquelas leis biologicas que devem regular a exploração do mar, modernamente descobertas pela ciencia e de tamanha utilidade pratica?

E tudo isto o pescador aprenderia facilmente, porque tudo

zens, quer beneficiando as redes, ou, ainda, vendendo peixe fresco e seco, que secam em casa. Os pescadores, no geral, são laboriosos, a criminalidade é diminuta entre eles, apesar da sua instrução ser restrita: na maior parte, dos centros de pesca, o numero de mulheres sabendo ler é muito superior ao dos homens, e quanto á instrução tecnica é absolutamente rotineira e improgressiva.

Ora o exercicio da pesca obedece presentemente a principios científicos, que a tornam mais sensata e produtiva. Depois dos modernos estudos oceanograficos, tão brilhantemente iniciados pelo *principe do Monaco* e pelos seus colaboradores, todos sabem que as condições de existencia e multiplicação dos diversos seres marinhos estão em relação direta com a natureza do meio, e, por isso, muito bem diz *Thoulet*, a industria das pescarias é, primeiro do que tudo, uma questão de topografia, de geologia, de temperaturas, de densidades e de correntes maritimas. Que enorme vantagem não haveria criando *escolas de pesca* nos nossos centros piscatorios de maior importancia, á imitação das que já existem n'outras nações da Europa e America, ondes se ensinasse ao pescador, além



1—O carregar das sardinhas nas cestas. 2—A salga da sardinha. 3—O caes da Figueirira tapetado de lotas de sardinha.

cabe na sua compreensão tão viva e intuitiva. Extremamente supersticioso e d'uma religiosidade selvatica, basta notar os nomes e divisaes dos seus barcos, pintalgados de vivas cores e decorados com simbolos maritimos e religiosos, para aperceber

esta sua não característica feição. *Librate dos teos inimigos*, S. Pedro, *Librate do mão olhado*, S. João, *Fé em S. Bento*, *Viva Maria Nossa Esperança*, *Viva Jesus nosso amor*, *Deus te salve luz do dia*, *Os 12 Apostolos*, *Fé em Deus*, *São chegados os 3 reis*, *Bida de Cristo*, S. Mafalda, 1.^a dôr de N. Senhora, Ninguém como



As circunstâncias economicas da maior parte dos pescadores, são bastante precarias e derivam de um detestavel sistema administrativo. Imprevi-dente, como o homem primitivo ou o selvagem moderno, o pescador ou vive na abundancia ou chora na miseria. Excetuando os mestres das lanchas, que em regra dispõem de al-



Deus, Senhora dos Naufragados, Valha-me Senhora das Amóras, Senhora da Abadia, Triunfo da religião, etc., etc. Mas a idéa nova já os vae penetrando, outros nomes, ainda que em reduzida minoria, o provam: *Viva 5 d'outubro*, *A republica*, *Dr. Afonso Costa*, *Viva a patria*, *Republica Portuguesa!*

Interrogado um pescador sobre a razão a que ele attribuia a diminuição do peixe na costa, respondeu textualmente:

—Nós, os pescadores, costumamos rogar muitas pragas e Deus, para nos castigar, dá-nos pouco peixe; nós não nos emendamos e Ele vae-nos castigando!...

guns meios e sabem regular as suas despesas, o pescador só emprega o seu tempo no mar para a pesca, em casa para

dormir, e na taberna para beber e endividar-se. De regresso da pesca entrega á mulher, logo que salta em terra, as redes, que ela tem de beneficiar e o peixe que ela tem de vender e dirige-se para a taberna, onde, geralmente, lhe facilitam o consumo a credito e onde para largo numero de horas discutindo com os companheiros assuntos que, quasi sem exceção, se referem á sua arte. Apesar de, em regra, se ver rodeado por grande numero de filhos, porque casa cedo e é prolifico, naturalmente mercê da notavel quantidade de fosforo que ingere na ali-



1—Vendeiras transportando a sardinha para o interior. 2—Venda de sardinha na pra:a. 3—Vendeiras de sardinha.



que, por despique, apedreja então a Senhora da Pala! Fala-se também de que ás vezes têm suas brigas no bairro que exclusivamente habitam: lá se avêtaes são os selvagens de que uns exemplares figuraram com os seus fatos de flanela branca e o seu gorro vermelho na procissão camoneana... Com traste pitoresco, feito a primor, para nos mostrar como n'uma sociedade se observam juxtapostos em estados distantes de condição historica! Para o lado do paredão onde as meninas namoram mais ou menos rotonamente, ataviadas com o lixo das modas reles de Paris, fica a praia onde as mulheres descalças, vestidas de burel, empurram as lanchas sob os toros ou as puxam pelos cabos de linho. Para além do bairro onde formiga o pescador selvagem, está o bairro dos hotéis, dos cafés, com a sua assembléa, os seus bilhares, os seus espelhos, todo o luxo de fançaria provinciana e balnear, retocada pela estupidez do *whist*, pela nória do bilhar e pela ladroeira da roleta, onde os pequenos proprietários minhotos vêm anualmente deixar o produto de

mentação, o pescador esquece-se facilmente de que em casa falta borôa para a família, quando na venda lhe não negam o consumo a credito. A sua alimentação limita-se quasi exclusivamente á borôa de milho, caldo de legumes, peixe fresco e salgado ou seco em casa e farta ração de vinho. Durante a permanencia no mar come da *cesta*, isto é, do farnel que a mulher lhe arranja para a viagem. De ordinario compra os generos alimentícios a credito, pagando-os, com maior ou menor relutancia, nas ocasiões de parti-



lha e especialmente na distribuição dos quinhões da pesca da sardinha, que é a mais lucrativa; no entretanto, para muitos serem bons pagadores apenas contribue a consideração de que, não o sendo, lhes será difficil de futuro encontrar quem lhes fie generos de primeira necessidade. Desconhecem quasi por completo o principio associativo, a não ser sob a fórma religiosa dos *compromissos* e *irmandades*.

Em casos de doença, pobres e desamparados, recorrem aos *pedidores*, que percorrem diversas localidades obtendo esmolas para os desvalidos.

Muito ha, pois, a fazer em prol d'estes obscuros e honestos creadores de riqueza, gente tão pobre e tão esquecida, cujo grupo mais característico na costa do norte do paiz são os *poveiros*, ácerca dos quaes escreveu, em 1836, Oliveira Martins:

Passivos, calados, pedintes na terra, heroes sobre o mar, existem encravados entre a vila e as ondas, na orla do paiz, como um baba da população minhoto. São um resto de gente prehistorica. E o gentio civilisado, com a obtusidade dura que lhe é propria, nem os entende, nem os protege, nem tambem os odeia. Trata-os de resto e diz com indiferença que são *pescadores*. Vae vêr chegar os barcos e descarregar o peixe, distraindo-se com a algazarra selvagem da faina sobre a praia. Não deixa tambem de ser interessante observar as mulheres chorando em côro, desvairadas, quando a travessia encapela o mar e as lanchas estão fóra. Note-se a bruteza d'essa gente



1—Gandarez comprando sardinha. 2—A escolha da sardinha. 3—Poveiros: a volta da pesca. (Clichés do autor).

guma junta de bois gordos.—E' a prosperidade da terra! E' o progresso da Povoal!

A. MESQUITA DE FIQUEIREDO.

O PALACIO DE SAINT JAMES

ONDE SE REUNIU A CONFERENCIA DOS BALKANS EM LONDRES

O aforismo *tempo é dinheiro* domina de facto a vida inglesa. E' o paiz em que mais se fala do tempo, em que ha mais relógios, em que tudo se planeia antecedentemente para horas longinquoas, mas fixas. O inglez detesta o acaso, não aprecia o inesperado porque d'ele pôde resultar prejuizo, e a sua vida tem um itinerario pré estabelecido, medido, exato.

Mas nada n'esse itinerario éesquicido, tudo ali se ajusta como as peças n'um 'puzle'. Assim o inglez não vegeta, vive em todos os tempos e por isso domina. Vive no presente porque, trabalhando e ganhando bem, aproveita da vida tudo o

que ella oferece de belo e agradável, e, com o seu dinheiro, compra tudo o que ciencia e arte inventaram d'útil e confortavel. Vive no futuro porque, accumulando grandes fortunas, prolonga o eco do seu nome na familia, nos filhos. Vive no pasado porque venera a sua historia, a sua arte, os seus monumentos, padrões das suas

glorias. Povo essencialmente conservador, adora, com o fausto, a tradi-



ção e a lenda, sendo para elle sagrado tudo que asvoque e perdure. Enbevece ante os monumentos velhos, com prazer igual áquele com que contribue para a ereção de novos. Todo o feito, nome ou data julga digno da dedicação d'um hospital, escola, estatua ou palacio.

Eis porque, enrugado e carcomido, se eleva ainda, n'um recanto de Pall Mall, o vetusto paço de «Saint James», cujos ladrilhos, luxados pela intemperie, desaparecem sob a crosta negra de seculos acamados.

Eis porque a rica Londres se não envergonha d'aquele pobre contraste com a opulencia architectonica dos clubs circumvisi-



1—Henrique VIII por Holbein, edificador de Saint James Palace. 2—Anna Bolena, segunda mulher de Henrique VIII, decapitada em 1536. 3—A fachada principal de Saint James.

nhos, desde o «Army and Navy», em que viveu exilado Napoleão III, até ao recente colosso que se chama o «Automobile Club».

Eis porque o chefe do maior imperio moderno, que possui castelos como o de Windsor, cuja magnificencia e riqueza nenhum outro eguala, palacios historicos recheados d'arte como Buckingham, Kensington e Hampton Court, belas residencias como Malborough, Sandringham, Sandringham e Balmoral, vae ainda hoje ao decrepito «Saint James» receber as saudações de principes, embaixadores indians e outros subditos nas recepções matinaes chamadas *Levées*.

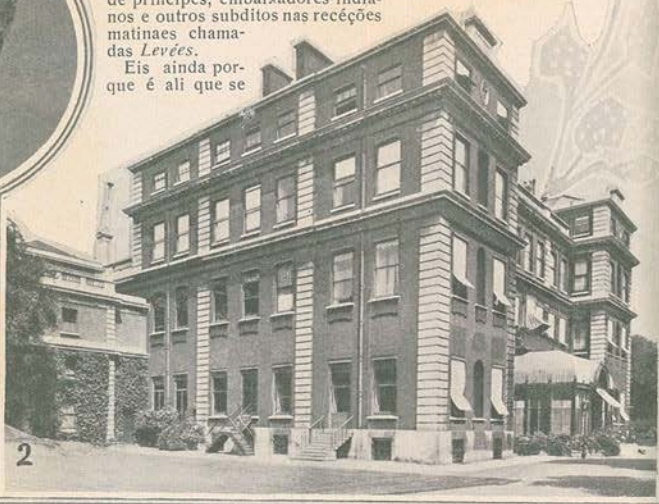
Eis ainda porque é ali que se



aclamam reis, assinam esponsaes, reúne o Conselho Privado e se armam cavaleiros. Os poderes ali conferidos são respeitadas nos confins do globo por maior massa de individuos que a de qualquer soberania de todos os tempos.

E' que «Saint James», consagrado pela historia e pela lenda, é já um simbolo da corte ingleza.

Tendo agora a Conferencia Balkanica atraído



sobre ele os olhares mundiaes, vem a proposito traçar-lhe o perfil historico.

O palacio, que era isolado no meio de campos verdejantes e o limite oeste da cidade, é hoje o seu coração. Teve origem n'um hospital do seculo X para donzelas leprosas, sob a invocação de «Saint James», bispo de Jerusalem, sendo um dos mais velhos edificios de Londres. Em 1532 Henrique VIII comprou o hospital, começou o palacio e anexou-lhe o parque, ligando-o assim ao então existente palacio de Whitehall. Apesar de muito modificado, conserva ainda partes primitivas, como a sala das tapeçarias, o portico e



1—A rainha Alexandra. 2—Malborough House, residencia da rainha Alexandra, junto de Saint James Palace. 3—Yeoman da guarda, em uniforme do seculo XV. 4—O quartel dos Horse Guards, visto do Parque.

ao publico, é rico e sumptuoso, contendo valiosas obras d'arte. Na sala do trôno, esculpida por Gibbons, vêm-se os belos retratos de George IV, por Hoppner, a rainha Vitoria e o principe Alberto, por Winterhalter. Na magnifica galeria de pintura figura o retrato da infeliz rainha portugueza, Catarina de Bragança, por Lely, e, pelo mesmo artista, o da formosa atriz Nell Gwyn, favorita de Carlos II. A sala d'armas é valiosa; a das tapeçarias uni-



1—O celebre retrato de Carlos I, por Van Dyck. 2—Carlos II.—Van Dyck, autor do retrato de Carlos I.

torres, que, sendo das melhores antiguidades historicas da Inglaterra, pouco honramo celebre desenhador Holbein. Defoe achava o paço insignificante para a grandeza da côrte; hoje já os inglezes dizem o mesmo de Buckingham, que vae ser modificado. O seu relógio iluminado é, ha seculos, a sentinela vigilante da visinha Região dos Clubs.

Em Saint James morreu a rainha Mary (1558), nasceram Carlos II, marido de D. Catarina de Bragança, George IV, e casou a rainha Vitoria. Depois do incendio de Whitehall (1697), tornou-se a

para lhe certificar a existencia d'uma segunda vida, como haviam combinado faria das duas amigas a que primeiro morresse.

O monarca que mais intimas e estranhas relações teve com «Saint James» foi Carlos I. Em 1623 uma artistica cadeirinha, a primeira que se via em Inglaterra, entrava no paço conduzindo o moço principe de volta da sua expedição amorosa a Hespanha. Estava então em pleno viço aquella figura elegante, grave e melancolica que as telas de Van Dyck mostram soberbamente em quasi to-

ca, feitas na fabrica de Mortlake para Carlos I, teem o seu monograma

residencia regular dos soberanos na capital até a rainha Vitoria, que mudou em 1837 para Buckingham, onde, desde então, se realisam todas as festas da côrte, exceto as *Levés*.

O interior do palacio, interdito



segundo afirmam cronistas inglezes. Como toda a casa ingleza que se présa, «Saint James» não podia deixar de ter o seu fantasma, assim a lenda attribue-lhe a aparição da sombra da duquesa de Mazarino, predileta de Carlos II, a madame de Beauclair, intima de James II,



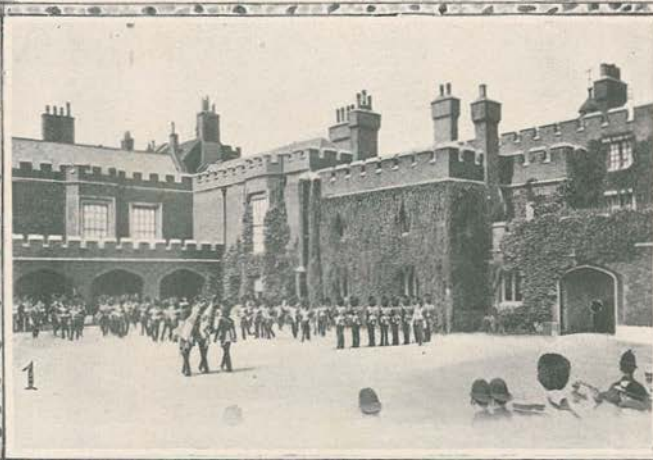
dos os museus da Europa. Mas como o seu semblante acusava infortúnio! Um artista de Roma, a quem levaram um retrato para executar um busto, predisse-lhe morte violenta. E com effeito, aqueles muros

barrentos que o viram subir ao trôno e casar com Henriqueta de França, abrigaram os ultimos momentos da sua vida, e bastaria a noite tragica de 29 de janeiro de 1649 para tornar historico qualquer casebre. E o parque, que tanto amava e em que brincára com os filhinhos e futuros reis, viu-o passar entre soldados para o cadafalso e voltar com a cabeça cosida ao tronco para, no palacio, ser exposto ao povo!

lhe até os livros que devia ler. Que não se afligisse por ele que morria martir, que obedecesse sempre á mãe e que lhe dissesse que os seus pensamentos nunca se apartaram d'ela e que o seu amor seria o mesmo até ao ultimo momento.

A rainha, que era catolica, acusada pelos protestantes, tivera que refugiar-se em França, onde morreu no convento que fundára em Chaillot (1669), inspirando a Bossuet a mais bela das suas orações fúnebres.

Anoiteceu pela ultima vez para Carlos I. Herbert ficou a seu lado, o rei dormiu quatro horas. Ainda de noite despertou-o: — Vou-me levantar, tenho um grande trabalho a fazer hoje... E, á luz tremula d'um pavio mergulhado n'um bolo de cera, escolheu o fato, pediu duas camisas: o frio pde fazer-me tremer e alguém julgar que é de medo. Não temo a morte. Estou preparado. Chegou o bispo. Terminado o officio religioso, o coronel Hacker bateu duas vezes á porta do quarto, appareceu Herbert. — E' tempo de seguir para Whitehall. O



Sabem-no todos — Carlos I, instigado pelos ministros e pela esposa, entregou-se a uma politica despotica, dissolvendo parlamentos e ferindo suscetibilidades religiosas que desencadearam a guerra civil. Entregue pelos escocezes a Cromwell, foi trazido para 'Saint James' e, depois d'um julgamento de oito dias pelo Parlamento, condenado á morte. A attitude do rei foi sempre sublime de compostura e de coragem. Os tres dias que lhe restavam passou-os no recolhimento da prece, sem uma recriminação, sem um queixume. Acompanhavam-no o bispo Juxon e o camarista Sir Thomas Herbert, e cada dez minutos um soldado entreabria a porta para vêr se o rei lá estava. Na noite de 27 deu um anel a Herbert dizendo-lhe que fosse a casa de certa dama e lh'o entregasse sem dizer palavra. Isto feito, recebeu d'ela um cofre selado para entregar a quem lhe dera a anel. Continha algumas joias e — é tudo, disse Carlos, que hoje posso legar a meus filhos. Em 29, a princeza Izabel e o duque de Gloucester foram despedir-se do pae, recebendo as suas joias, menos o medalhão de S. Jorge (insignia da Jarreteira) que ele usou até ao fim. Á descripção d'esta cena de lagrimas, feita pela princeza, é tocante e enternecedora. Sentando-a no joelho e pedindo-lhe atendessem bem aos seus conselhos, indicou-



1—Uma formatura da guarda, no pátio do palacio. 2—Quartel dos Horse Guards á entrada de Saint James Park, em frente de Whitehall.

rei pediu-lhe para ir indo e, dando a mão ao bispo: «venha, vamos; abram a porta, Hacker já chamou duas vezes!»

E assim, depois das oito horas d'aquella gelida manhã de 30 de janeiro de 1649, o rei atravessou a pé o Parque de Saint James, entre o bispo Juxon e o coronel Tomlinson, seguidos d'uma escolta.

Carlos I vestia de seda preta, meia cinzenta, colete de seda com riscas vermelhas e gorro prateado. Chegados a Whitehall esperou no seu quarto habitual os ultimos pre-

parativos e quando tudo estava a postos foi conduzido, por entre soldados, através a Sala de Festas (hoje um museu) para uma janela por onde passou para o cadafalso armado na rua em frente do palácio. Absolutamente sereno, Heath diz que o rei soube morrer mais grandemente do que viveu.

O meu cabelo estorvará — perguntou aos carrascos, e, ouvindo que sim, ele mesmo o afastou. Depois, tirando o medalhão de S. Jorge, entregou-o ao bispo para que o desse á esposa. Ao ajoelhar pediu ao executor que esperasse um sinal; inclinou-se sobre o cepo e, tendo dito uma oração, estendeu o braço — a cabeça caiu de um golpe.

Conduzido o corpo para dentro do palácio

que deu nome a uma alea do parque, que é hoje a grande rua dos clubs — Pall Mall — perdendo o de *Catherine Street* que tinha em honra de Catarina de Bragança. Póde-se lá resistir á influencia do *sport* na vida ingleza!

Carlos II, do pouco trato que teve com a rainha, algum costume portuguez devia ter adquirido. Um foi, sem duvida, o do *namoro*, pois vivendo Nell Gwyn, a mais popular das suas amigas, em Pall Mall, o rei ia falar-lhe ao muro que dava sobre o parque.

Carlos II tornou o parque de «Saint James» via publica, a rainha Carolina pensou fechal-o, e perguntando a Walpole quanto custaria a transformação: — «Tres corôas apenas» foi a resposta. Foi ao apear-se em



1—Cromwell vendendo o corpo de Carlos I.
2—Funeral de Carlos I em Windsor.

ali lhe foi cosida a cabeça e embalado, sendo depois levado para «Saint James», onde ficou exposto. Afirmam que Cromwell, embaçado n'uma capa, o foi ver, ouvindo-se-lhe a frase: «Horri-vel necessidade!» que, afinal, bem sintetisa a opinião de Carlyle sobre este tragico episodio. O feretro foi sepultado, sem pompas funebres, na capela dos Cavaleiros da Jarreteira, em Windsor. O Parque de «Saint James» foi o Versailles de Londres. No tempo de Carlos I tinha ainda caça brava, mas era tão frequentado pelas damas da côrte que «esses animaes cediam mais ao encanto dos seus atrativos, que á perseguição dos cães». Carlos II fê-lo mesmo aformosear por Le Nôtre, e comprazia-se em ir dar de comer aos cisnes e passear ali os seus cães. Jogava com as damas um jogo chamado *Pell Mall*, predecessor do *croquet* ou do *golf*,

«Saint James», pela entrada do parque, para ir dar uma *Levée*, que uma louca (Margaret Nickolson) tentou apunhalar o bom George III, em 1786. Mas nem tudo são tristezas nas memorias de «Saint James», que presenciou festas brilhantes que ficaram memoraveis, como bailes, banquetes, recitas e mascaradas. O palacio teve varios excentricos visitantes, entre eles Thomas Stone, um procurador, que escreveu á rainha pedindo-lhe a mão da princeza Matilde, filha de George III e depois rainha de Wurtemberg. Como quem cala consente, tempo depois apresentou-se no paço, dizendo que, não tendo recebido resposta, concluiu que a sua proposta fôra aceita! Os seus visitantes illustres teem tambem sido numerosos.

Em 1638, Maria de Mediciis, sogra de Carlos I, hospedou-se em

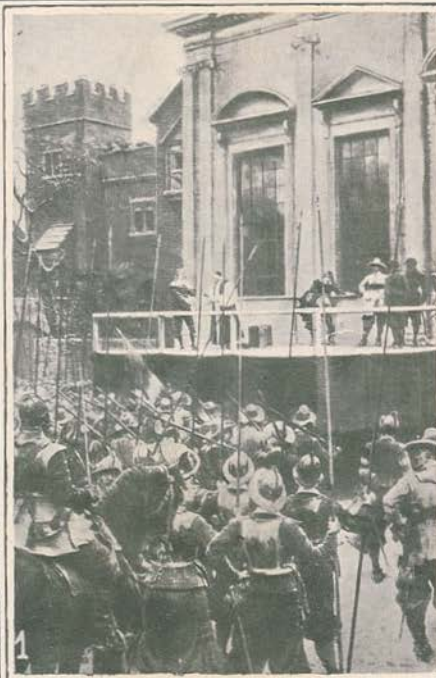
«Saint James», mas passados tres anos já o Parlamento lhe votava uma pensão de 10:000 libras com a condição de partir imediatemente, e, assim, a mais magnífica mulher da Europa, esposa do maior rei de França, foi morrer em Colonia no ano seguinte. Em 1698 uma das mais extraordinarias figuras da humanidade, o excêntrico czar Pedro, o Grande, ali esteve incognito. Foi recebido por William III, que lhe perguntou o que pensava do edificio? — «Muito bom. Se m'o permitisse aconselharia Vossa Magestade a que mudasse d'aqui a côrte e o convertesse n'um hospital.»

Christiano VIII da Dinamarca (1768) passou no palacio dois mezes de dissipação, quando ali foi pedir a mão da filha de George III. Antes de partir, e como retribuição dos favores recebidos, ofereceu no teatro do rei uma «mascaramada», para que foram distribuidos 3:000 convi-

tes e foi a mais grandiosa até então vista. Em 1814 Alexandre I da Russia e o rei da Prussia, então aliados, chegaram a Londres de visita á côrte. Acompanhava-os um brilhante sequito em que figuravam o marechal principe Blucher, principe Metternich, general Bulow, conde Tolstoi e outros hoje do dominio da

para a ilhad'Elba. Um dentista pediu-lhe para intitular-se «Dentista do Principe Blucher». — De que demonio me servirá isso? Respondam-lhe que o dispenso, pois que poucos dentes me restam; mas se isso lhe dá prazer ou proveito, pôde chamar-se meu dentista ou o que quizer. O acolhedor «Saint James»,

Napoleão em Walslad e Leipzig, e cli ps o todos, tendo uma recepção triunfal e honras militares. Foi o favorito da multidão que lhe invadia a carruagem, tendo dado tanto aperto de mão como um presidente da America. O povo permanecia no pateo do palacio até á noite, o heroe sentava-se á janelá fumando e agradecendo, quando não podia fazel-o deixava o seu cão a represental-o! H. Roche diz que dois milhões se agitavam em frenesi, todos queriam vêr o Libertador. Blucher reinou em Inglaterra aqueles dias. «Saint James» foi o foco de Londres. Com os seus 70 anos fez perder a a cabeça ás inglezas, recebeu grande numero que lhe beijavam o bigode grisalho e retiravam. Um criado tratava-o constantemente de Alteza; — Alteza, Alteza!, disse Blucher, leve o diabo a alteza, chama-me general, ou mande-te servir o imperador



1—A execução de Carlos I em 1649. 2—Cromwell julgando os filhos de Carlos I

historia. Em «Saint James» fizeram-se grandes preparativos e os historiadores são unanimes em afirmar o entusiasmo louco que esta visita causou e em dizer que Blucher, futuro cooperador de Wellington e já vencedor de

evocador d'um primitivo hospital da doença infecciosa, desfigurante e mortifera, não podia fugir ao seu destino, e a ele foram agora tentar curar-se dos não menos terribes males da guerra os paizes balkanicos. F. A.

Um Comício na Ilha do Príncipe

Realizou-se na ilha do Príncipe um comício para protestar contra as reformas da fazenda e para pedir a abolição dos logares de curador e médicos da doença de sono. A reforma de fazenda do ultramar centralisa nas pessoas dos inspetores superiores da provincia e na direção geral das colonias tudo quanto se relaciona com a administração financeira das provincias ultramarinas, tirando assim largos poderes aos governadores. Contra isto se protestou pois n'esse co-



1—Os organizadores do comício: sentados, srs. Marcelino Lapa, José Ramos, Diamantino Sacadura. Em pé: srs. David de Carvalho, e Adolfo Lousada.

mício, a que concorreu grande numero de pessoas, lavrando-se ainda um outro protesto contra a nomeação, tida por ilegal, de um individuo da metropole para a curadoria dos serviços, preterindo o escrivão do julgado, a quem pertencia a nomeação. O protesto foi assinado por cento e trinta pessoas.



2—O sr. David Guedes de Carvalho lendo a moção. 3—Durante o comício. (Clichés do fotografo amador sr. B. F. Ferreira.)



O NOVO MINISTERIO

1—Dr. Almeida Ribeiro, ministro das colonias. 2—Dr. Antonio Macieira, ministro dos estrangeiros. 3—Major Pereira Bastos, ministro da guerra. 4—Ca-pitão dr. Alvaro de Castro, ministro da justiça. 5—Dr. Rodrigo Rodrigues, ministro do interior. 6—Dr. Afonso Costa, presidente e ministro das finanças. 7—Freitas Ribeiro, ministro da marinha. 8—Antonio Maria da Silva, ministro do fomento.

(Cliché Benoliel)

Festa d'Arte

Na esplendida festa d'arte realisada em casa da illustre professora de canto madame Mantelli revelou-se uma decidida vocação madame Maria Couto, que deliciosamente cantou a aria da *Cavallaria Rusticana* assim como o dueto da mesma opera com o sr. Raul de Lacerda.

As outras distintas amadoras de canto da mesma fórma interpretaram os trechos escolhidos causando uma agradável impressão na numerosa e seleta assistencia.



1—Mademoiselle Helena Antunes dos Santos. 2—A illustre cantora madame Mantelli. 3—Mademoiselle Maria Tereza Ferreira. 4—Mademoiselle Cosete Marques Barreto. 5—Mademoiselle Virginia d'Aboim. 6—Mademoiselle Helena Pery de Linde. 7—D. Elvira Caldeira Queiroz. 8—Mademoiselle Madalena Antunes. 9—Mademoiselle Margarida Carneiro. 10—Mademoiselle Hortense Fontana. 11—Mademoiselle Xoriza da Silveira. 12—Mademoiselle Erna Storck. 13—Mademoiselle Berta Guimaraes. 14—Mademoiselle Laura Reis Ferreira. 15—Sr. Raul de Lacerda. 16—Mademoiselle Maria Amelia Cid. 17—Mademoiselle Luiza Castelo Branco. 18—Sr. D. Adelaide Vitoria Pereira.

ESTRELAS DE PARIS

Gabrielle Robinne A atenção da imprensa franceza desviou-se um pouco da guerra dos balkans; passou a um segundo plano a conferencia de Londres. Porquê? Porque M.^{lle} Géniat, vae deixar a Comédie Française. Não sendo M.^{lle} Géniat *ainda*, uma Sarah Bernhardt, aparecendo-nos para mais como infinitamente provavel que sem ela a Casa de Molière continue sendo o primeiro teatro de declamação do mundo inteiro, não se comprehende bem porque todo este ruído em vo'ta d'um acontecimento que só, em verdade, deveria interessar a gentil artista que o provocou. Mas longe de mim a ideia de entrar nos bastidores do réclamo para, descobrindo-os aos o'hos do publico, matar nas pessoas candidas mais uma illu'ão.

De resto, não é só a demissão de mademoiselle Géniat que se anuncia. Mr. Grand ameaçou já retirar-se; murmurase que mademoiselle Cécile Sorel tambem não está contente. Mas o facto não deve causar espanto, porque, n'esta epoca do ano, ha sempre maus-humores nos camarins do Theatre Français. E a razão d'isso está sobretudo na propria organização do teatro no que toca á partilha dos lucros anuaes. Esses lucros são, com effeito, divididos em vinte quatro partes, chamadas *partes inteiras*, as quaes são di tribuidas, em duodecimos, pelos societarios. Nomeados em geral com tres duodecimos, os artistas admitidos ao societariado encaminham-se lentamente, de ano em ano, para a parte inteira. E todos os

anos o *comissionistas*, Ora uma das possas de chofre, com tão sedutora prenda, seduzir. Mas este ano, como as outras vinte e tres estivessem dadas, o ministro resolveu-se a conceder, fragmentada em pequenos *cadeaux de Noel* (um duodecimo para um, um meio duodecimo para outro, etc.), a metade d'essa sua *parte* que, por esse facto, como diria mr. de la Palisse, deixou de ser *inteira*.



1—Mademoiselle Robinne. Cliché Reutlinger



2—Mademoiselle Robinne. Cliché Reutlinger

Esse d'administração atribue os duodecimos disponíveis por meio de eleição, quer aos societarios, por via de intrução publica que em geral não dispõe d'ela, sempre á espera de que appareça um genio a quem possa de chofre, com tão sedutora prenda, seduzir. Mas este ano, como as outras vinte e tres estivessem dadas, o ministro resolveu-se a conceder, fragmentada em pequenos *cadeaux de Noel* (um duodecimo para um, um meio duodecimo para outro, etc.), a metade d'essa sua *parte* que, por esse facto, como diria mr. de la Palisse, deixou de ser *inteira*.

Esses providenciaes duodecimos parece terem convencido tanto mr. Grand, como mademoiselle Sorel. Mas mademoiselle Géniat não se deixa seduzir pelo interesse vil. Os seus ideaes poisam mais alto. Segundo a sua opinião, na Casa de Molière ha um

dado vêr n'aquelle palco. E' mademoiselle Robinne. E, comtudo, o encanto d'essa joven e já illustre artista creou-lhe um ambiente de agrado entre o publico frequentador do Théâtre Français. Mademoiselle Robinne não é só a mais linda das artistas d'aquela casa: é ainda uma das que incessante e seguramente progridem no caminho d'uma bela superioridade que já não vem distante. E na peça de mr. Kistemaekers, n'esse papel que o acaso quiz que lhe fôsse ter ás mãos, o seu talento encontrará sem duvida novo ensejo de colher uma consagração.

Ruy de Chaves.



verdadeiro *encombremet* de pessoas geniaes. E tal como acontece aos *taxis* nos *boulevards* isso obriga a longos compassos de espera. Mademoiselle Gén'iat tem pressa de *vivre sa vie*, quer subir e apetece-lhe ver caminho desimpedido deante de si. Por isso se vae, deixando, em pleno periodo de ensaios, o papel que mr. Henry Kistemaekers lhe destinara na sua peça *L'Embuscade*.

... *A' quelque chose malheur est bon*. A fuga de mademoiselle Gén'iat permitir-nos-á admirar no papel que lhe éra destinado na peça que a Comédie dentro em pouco representará uma das artistas que mais raro ultimamente nos tem sido

- 1—Mademoiselle Robinne (Cliché Reutlinger)
 2—Mademoiselle Robinne (Cliché Reutlinger)
 3—Mademoiselle Robinne em *Le Passant*
 (Cliché Boyer le Bert)



1—Enorme tronco de «muçáfo», a árvore mais frondosa de todas as da povoação do Dondo; ao fundo um imbondeiro. Para fazer abater esta árvore foi necessário convencer os indígenas que nenhum mal tinham a recear da «quituta» (alma do outro mundo) que eles diziam estar escondida no tronco, pronta a comer os temerários que tocassem na árvore.

O combate contra a implacável doença do sono este entrando de realidade

atingidas fda nossa provincia de Angola. E' conhecida a nefasta influencia da mosca tsé-tsé, propagadora d'esse dizimador flagelo. Na impossibilidade de se extinguir por completo tão perigoso inseto, difficul-tam-se-lhe ascondições



2—Dondo: junto á base d'um monstruoso imbondeiro abatido (da esquerda para a direita: tenente Naia, delegado de saúde, escrivão de fazenda Valentim Chaves e João Gregorio Figueira. (Clichés do amador sr. João Gregorio Figueira)

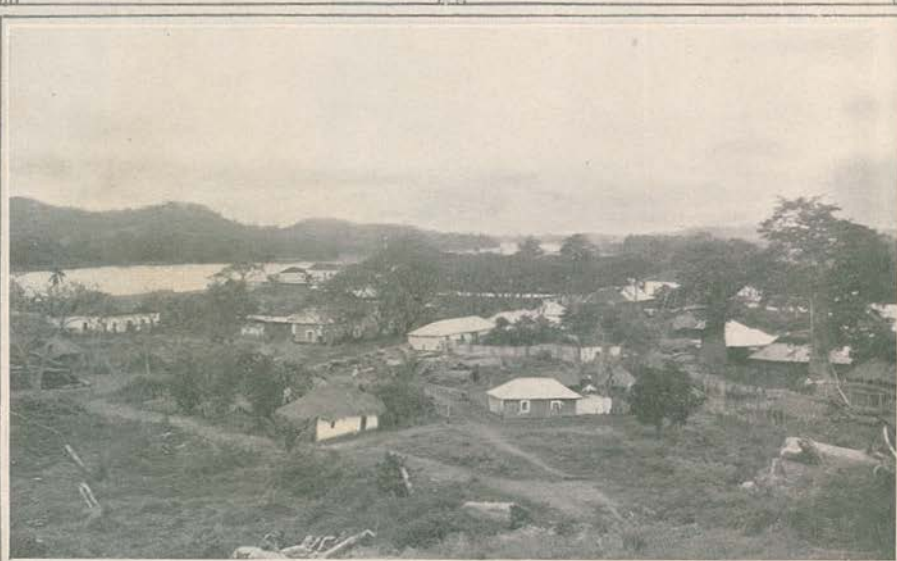


Dondo: Dois troncos de imbondeiros acabados de abater; ao fundo, o hospital militar e civil, edificado no cimo d'uma colina fóra da povoação.

de habitabilidade, principalmente nas regiões infetadas em que ha nucleos europeus. Assim é que, por ordem do governador Norton de Matos, ha n'este momento empregadas algumas brigadas indigenas no serviço de desarborisação em todas as circunscricões a leste de Loanda. As arvores, de colossaes dimensões, algumas seculares, que põem enormes manchas de verdura na paisagem sertaneja, e são, por isso mesmo, otimos abrigos de glosinas, vão lentamente vergando aos golpes mortíferos que, em nome da

nas gravuras que acompanham este artigo, são d'uma circumferencia notavel, atingindo, depois de abatidos, uma altura superior á de dois homens de elevada estatura: são os esponjosos imbondeiros (*adansonia digitata*), as elegantes mafumeiras (*bombax beiba*) e os resistentes muçafos (*parinaria mubola?*) que para ali jazem estendidos como cadáveres de ciclopes fulminados.

E assim se vae promovendo a salubrisação, ha tanto tempo reclamada, das povoações europeias do in-



profilaxia anti-tripanozomótica lhes são vibrados pelos pretos, inconscientes do alto serviço que estão praticando; e os seus corpos de gigantes vencidos, uma vez privados dos laços robustissimos que os prendem á terra-mãe, gemem, silvam, estalam, por vezes com um fracasso atroador, e tambem por fim, aniquilados, erguendo ainda para o espaço fulvo dezenas de braços luxuriantes como um derradeiro esforço para manter a vasta e sombria umbrela da sua folhagem.

Alguns d'esses troncos, como se vê

terior de Angola, sendo apenas para lamentar que tão tarde se começasse a trilhar um caminho que já ha muito deveria estar terminado, se não a bem da Humanidade, pelo menos a bem dos interesses economicos d'aquela nossa riquissima colonia.

Janeiro—1912.

B. V.

(Clichés do distinto fotografo amador sr. João Gregorio Figueira)

Figuras e Factos



O sr. Evaristo Faria Gurgel é um distinto poeta brasileiro e um ilustre professor, que rege a cadeira de portuguez no ginasio Anchieta, de S. Paulo. Regressando da Italia, onde esteve n'uma missão de serviço, e tendo percorrido onze paizes, voltará em abril á sua terra, onde fará algumas conferencias sobre Portugal.



1—Sr. Henrique Marques, tradutor do livro de «Marieta» recentemente publicado. 2—Sr. Evaristo Gurgel.
3—Sr. João Manuel Nepomuceno Freire, falecido em 8 de janeiro. 4—O popular escritor teatral
Batista Dimiz, falecido em 8 de janeiro. 5—Sr. Justino Pedroso dos Santos, falecido em 8 de janeiro.



O SONHO DOURADO no Apolo: 6—A atriz Carmo Vieira no «Amor» 7—O terceto do «Binoculo»; no 2.º ato: os actores Roldão e Nascimento Fernandes e a atriz Amelia Pereira
8—O Sultão Hanim Ab-Kilisse, ator Julio Guimarães.

A guerra dos Balkans



1—No hospital de Sofia: As damas da Cruz Vermelha, o ministro de França, mr. Panafieu, e os membros da legação.



2—Nos arredores de Andrinopla: Enterro dos soldados bulgaros mortos na batalha.
(Clichés Chusseau Flaviens)

O caso dos Balkans aparece e sempre aos olhos da Europa como uma complicada questão que levaria muito tempo a resolver.

Depois de tantas agitações na conferência de Londres, debatem-se ainda os factos, entre os quaes o da posse de varios territorios.

A Triplíce Aliança

desejaria deixar aos turcos não sómente as ilhas visinhas dos Dardanellos mas também Chios, Mitylene, Cos e Rhodes, o que atenuaria a humilhação do abandono o completo de Andrinopla e daria a esperança de que, consolidando



1—O general bulgaro Demitroff e o seu estado maior em Tchataldja.



2—Cenas recentes em volta de Andrinopla nas baterias bulgaras.—(Clichés Chusseau Flaviens)



a Turquia da Asia, se poderia evitar no futuro a grave questão do equilibrio das potencias no Mediterraneo.

Como se vê, ha já a providencia e ha já o esboço d'uma nova questão.

A Servia, desejando mostrar o seu espirito de sacrificio no interesse da paz geral, decidiu retirar as suas tropas dos lados do Adriatico. A Albania, decididamente, ficará independente. Os montenegrinos pedem Scutari e o curso do Drin até á foz, assim como os aliados solicitam Divra para os servios e Janina para os gregos.



1—Ahmed Fuad pachá pretendente ao trono da Albania. (Cliché Central Photos) 2—Prisioneiros turcos guardados pelos gregos perto de Janina. (Cliché Archives du Miroir) 3—Em Tchataldja: Bulgaros nas trincheiras.

= Belas Artes =

O pintor João Vaz é uma figura de destaque no nosso meio artístico. Não ha em Portugal quem como ele saiba pintar as nossas praias, os catraios classicos, as ribas do mar, as salinas, tu-

do quanto com o mar se relacione e de que tem feito uma pura arte, uma especialidade que conta muitos apreciadores. O illustre artista abriu ha dias a sua exposição d'este ano, apresentando-nos



1—Velho Caes (Setubal), quadro de João Vaz



2—Fraia de Alborquel, quadro de João Vaz.

magnificos quadros do genero, que teem causado sensação, salientando-se entre outros os que se intitulam *Albarquel*, o *Velho Caes* (Setubal), *Entardecer* (Sado), *Rochas* e outros.



3—O pintor João Vaz.



4—Aspecto da exposição.

Festa da Arvore

O culto da arvore desenvolve-se dia a dia em Portugal. O vandalismo vaee acabando e propagandear esse culto é tudo quanto de mais digno e de mais util. Ensinar á creança o respeito pela arvore e pelas aves é uma obra que se deve tomar em conta e que devia ter um grande eco por todo o paiz.

Tomou para si essa missão o *Seculo Agricola*, que os nossos colegas Aires de Carvalho e Castro Neves dirigem proficentemente, e os resultados d'essa propaganda utilissima vê-se-hão dentro em pouco como fórma educativa dos pequenitos e como fonte de riqueza nacional.

Começaram já esses trabalhos, tendo ha

dias a Associação de Beneficencia do Campo Grande coadjuvado a bela iniciativa do *Seculo Agricola*, fazendo uma ses-



são preparatoria onde o sr. Veloso Araujo discursou sobre o culto da arvore e acabando as creanças do asilo D. Pedro V por plantarem arvores no parque d'aquelle estabelecimento, ajudadas pelos alunos das escolas paroquiaes.

As arvores plantadas foram tres pereiras, tres macieiras e uma laranjeira, sendo o trabalho realisado no meio da maior alegria da pequenada, que jámais esquecerá esse dia.

1—Aspéto da festa da arvore promovida pelo *Seculo Agricola* e realisada no Campo Grande. As creanças do asilo D. Pedro V. 2—Sr. Aires de Carvalho, um dos mais devotados organizadores da festa e gerente do *Seculo Agricola*. 3—Sr. dr. Veloso Araujo, que discursou na festa da arvore. 4—Sr. Castro Neves, director do *Seculo Agricola*. 5—A plantação d'uma arvore pelas creanças.

Os concertos Pedro Blanch

Os concertos da Grande Orquestra Sinfonica Portuguesa, dirigida pelo notavel maestro Pedro Blanch, e que se tem realizado no teatro da Republica, atraem grande numero de pessoas que enchem a vasta casa d'espectaculos da rua do Tezouro Velho e formam uma assisten-



cia elegante e seleta.

Os mais dificeis trechos musicaes dos mais notaveis compositores, como Mendelssohn, Bizet, Listz e outros foram executados pela magnifica orquestra nacional, que tem adquirido uma justissima reputação.

1—Entrada da assistencia para o teatro da Republica no ultimo dia do concerto.



2 e 3—Outros aspétos da entrada da assistencia.
(Clichés de Benoiel)



A Orquestra Pedro Blanch, no palco do Republica.

(Cliché de Lazarus)

Figuras e Factos

O caso Paty du Clam teve um grande eco em França. Foi como o resuscitar d'um escândalo. Evocou-se o fantasma da questão Dreyfus e o sr. Millerand, ministro da guerra, que ordenou a reintegração no exercito do celebre instru-



para obter uns falados documentos que nunca existiram. Foi ele que figurou da famosa dama do veu negro, que tão misterioso tornou o caso e levou mais depressa o accusado para a ilha do Diabo, de onde o



A sr.ª D. Fernanda de Souza Rocha é uma nova mas já distintissima pianista portuense, discipula do professor sr. Raimundo de Macedo, e que se apresentou ao publico na recita realisada no Salão Bechestein, onde executou difficilimos trechos ao piano, sendo aplaudidissima, bem como o notavel artista seu mestre.



tor do processo Dreyfus, teve que se demittir por falta da solidariedade do ministerio, sendo nomeado para exercer aquele logar o sr. Lebrun, que era ministro das colonias.

Paty du Clam, provou-se á evidencia, foi quem comprometeu Dreifus inocente, chegando a vestir-se de mulher



arrancaria o brado de Zola.

Por isso, desde que Dreyfus foi reintegrado no exercito francez, a opinião publica entendeu que não podia ser readmittido Paty du Clam e d'aí a queda de Millerand, que, apesar de civil, toi um dos mais distintos ministros da guerra de França

1—Sr.ª D. Fernanda de Souza Rocha. 2—Sr. Millerand, ministro da guerra de França, demittido por causa da reintegração do tenente coronel Paty Clam no exercito. 3—General Elias Jeré Ribeiro, que, por ter atingido o limite d'idade, deixou o comando da 1.ª divisão militar. 4—Ma'or sr. Manuel Simões Gonçalves, falecido recentemente. 5—Sr. José Henriques d'Almeida, falecido recentemente em Penamacôr.

FIGURAS E FACTOS

1—A illustre atriz Angela Finto que, depois d'uma brilhante carreira como atriz americana, reingressou na «opereia», de que é «estrela», aparecendo no Avenida, na revista «Alerta».



3—O novo chefe do gabinete do ministro da marinha, capitão de fragata sr. Manuel Eduardo Cerreia.



2—O sr. Paul Deschanel, o novo presidente da Camara dos Deputados Franceza, eleito por 347 votos.



4—Portuguezes no Brazil: A familia Sinval, de Penafiel: (Da direita para a esquerda)—1.º plano: Madame Sinval, sr. Francisco Sinval, sr.ª D. Marieta e Odete Sinval, sr.ª D. Elvira Viana e o sr. S. M. Pinto Junior, e em pé o sr. Jaime de Borbon e sr. Elpidio Sinval.